

Pepetela  
SE O PASSADO  
NÃO TIVESSE ASAS

Romance



D. QUIXOTE



1995

A menina se deslumbrava com a beleza da paisagem.

Vinha, mais a família e outras pessoas, vinte ao todo, no alto de uma camioneta carregada de imbambas. Parecia estava no cume do mundo. A camioneta tinha pedaços de toldo cobrindo a carga, onde todos sentavam, mas aqui e ali despontavam sacos, talvez de milho, noutro lado espreitavam peles inteiras de boi, que cheiravam mal, num canto haveria galinhas protegidas por bidões vazios, pois se ouvia o doce cacarejar. O caminhão ia bem carregado e foi uma sorte lhes terem aceitado, dissera o pai, quando saíam da terra onde sempre viveu, no Planalto Central. Era lindo o Planalto, com enormes rochedos cinzentos e negros emergindo como sentinelas gigantescas do verde familiar do capim, das nakas abandonadas à beira dos rios, do mato rasteiro avançando por entre as cubatas vazias das aldeias. Abandonavam tudo porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles. Já tinham tido muitos azares antes, com ataques e ocupações acompanhadas de mortes, violações, raptos, saques. A calma se instalava e depois aparecia outro bando e as mesmas cenas se repetiam. Desta vez o pai disse chega, não aguento mais, vamos para a capital, lá temos família que vai nos ajudar no princípio, prometeram mesmo. Arranjo trabalho, um qualquer se não me aceitarem na profissão, vivemos como pudermos, alugamos a mais modesta das casas e as crianças retomam a escola, mas tudo é melhor que isto. Andavam aterrorizados, por isso Himba rezou calada para que o pai não mudasse de opinião.

Ele a manteve, com hesitações. E um atraso.

Agora estavam em cima da camioneta, a caminho da cidade grande, que sempre preencheria sonhos e temores, Luanda. Desfrutando da paisagem. No princípio ela teve receio, nunca tinha viajado em cima de uma lona mal cobrindo a mercadoria, sem sítios onde se agarrar quando o veículo caía num buraco. E como tinha buracos aquela estrada! Mas havia expectativa em conhecer a mítica capital onde tudo acontecia, como o pai contava, pois tinha estado lá há anos para um estágio de reciclagem de professores e trouxe presentes, notícias espantosas, provocando haka! em todas as bocas. Luanda estava longe, ainda não dava para sentir o cheiro quente dela. Himba bem tentava, aspirando com força o vento frio do Planalto.

Só cheiro do pó.

Foi três horas depois de saírem da terra, ainda os matacos não reclamavam das dores pela posição incómoda.

Uma explosão, tiros.

O camião rebolou para um dos lados da estrada, originou gritos e mais pó. Himba foi imediatamente projetada para o capim, sem ferimentos. Pensou nos irmãos, nos pais, quis procurar na confusão de corpos e mercadorias saltando e rolando, galinhas voando no meio de penas soltas, gemidos, pedidos de socorro, pânico, mas uma voz forte gritou, julgou ser para ela, corre, corre, depressa, depressa. Achou ser a voz assustada mas imperiosa do pai e obedeceu, atordoada. Entre o fumo e a balbúrdia dos tiros, Himba correu pelo mato, correu, e só parou quando deixou de ouvir qualquer som.

Estava sozinha.

Olhou para trás, de onde vinha. Tinha vindo mesmo dali, de certeza? Sim, refletiu com muita confusão nos olhos e ouvidos, mais ainda no cérebro, sentira sempre o sol nas costas. Medo e o calor do sol, no ar fresco e puro do Planalto. Himba tinha treze anos acabados de fazer, com a sexta classe concluída também há pouco. Respirava com dificuldade por causa da corrida e não fazia ideia de quanto tempo passara. Mas enquanto descansava decidiu, tenho de ir procurar os pais. O terror já não a dominava, embora continuasse nela. Já tinha antes sentido o medo, todos sabiam o horror da guerra

e falavam disso. Ter medo não é o problema, ensinara o pai, até é bom porque nos torna prudentes, o problema é ser escravizado pelo pânico, deixar de pensar com calma. Por isso tentou regular a respiração e refletir.

Tinha vindo daquele lado e para lá devia voltar, com cuidado, até encontrar os outros. Evitando os guerreiros que a esta hora deviam estar a procurar nas mercadorias as coisas úteis para levarem. E entretidos a matar feridos e prisioneiros, o que sempre faziam. A ideia súbita e cruel aterrorizou-a e tremeu ainda mais forte. Deixou de respirar calmamente, de novo esbaforida pela corrida e a ideia, o coração aos saltos. Puderam escapar? Ou morreram com o acidente ou os tiros? Quatro irmãos mais pequenos do que ela, dois rapazes e duas meninas. E os pais.

O pai era professor e a mãe enfermeira, não eram agricultores, um da Ganda, província de Benguela, a outra do Chinguar, província do Bié. Se conheceram ali mesmo no município, quando a mãe foi transferida e se estabeleceu naquela terra boa para a agricultura. Gostavam de lhes contar a estória de como se conheceram, porque o pai foi ao posto para tratar a mão que ferira ao martelar um prego. O pai sempre foi um homem sem jeito para trabalhos manuais, gostava só de ler e ensinar. Também jogar futebol com os alunos. Por isso quase esmagou dois dedos ao consertar uma gaveta da cómoda, azarado. A mãe tinha começado o seu primeiro dia de trabalho na terra, chegara dois dias antes. E o primeiro paciente dela foi o pai. Os dois solteiros, num sítio novo, a inaugurarem a profissão.

Destinos.

Agora, onde estavam e como? Foi acalmando de novo, controlando a respiração. Isso foi ensino da mãe. Lhe explicou quando ela estava com muito medo do seu primeiro exame na escola. Respira fundo e devagar, o medo passa. E quando estiveres sentada, antes de começares a ler a prova, faz o mesmo várias vezes. Vais ver, a cabeça fica limpa, sabes responder a tudo. Aconteceu com sucesso no primeiro exame. Aconteceu depois. E ela ganhou o hábito. Quando um irmão a chateava e ela tinha vontade de lhe surrar, respirava fundo e a raiva ia desaparecendo, pensava melhor, ralhava só, sem violência.

Simples. Nas coisas simples está a solução das coisas complicadas, dizia a mãe. E o pai também concordava, embora por vezes perdesse um cochito a cabeça com um aluno mais distraído ou pouco inteligente, ele mesmo reconhecia em casa, algo arrependido e envergonhado perante a mãe. Mas nunca recorria a castigos físicos, para além de proibidos pelo ministério eram contraproducentes, segundo explicava. Ela era pequena mas percebia essas conversas dos adultos. Talvez fosse demasiado adulta, tinha muito sentido da responsabilidade e só tentava uma coisa se sabia que a conseguia fazer com perfeição.

Sentada ao sol no mato, lembrou a conversa que ouviu por acaso sobre isso mesmo. Dizia o pai que ficava um bocado preocupado com a falta de gosto de Himba pelas brincadeiras e correrias, sempre ocupada a tomar conta dos irmãos e a aprender a lida da casa com a mãe ou os deveres da escola.

– É demasiado adulta, uma criança deve brincar, haka!

– São os tempos – disse a mãe. – Uma situação de guerra afeta as crianças tanto ou mais que os adultos. Percebe que andamos sempre com medo, preocupados... não lhe apetece brincar, rir, contar piadas.

– Mas os outros cantam e dançam, jogam futebol. E têm a mesma idade. Só a Himba...

– Não é só ela. Outras mães se queixam do mesmo. Aqui no posto, onde nem médico há, a enfermeira é tudo, até psiquiatra e padre... Ou madre. E por isso me vêm pedir conselhos. E eu digo a mesma coisa, com esta guerra, o perigo constante de um ataque, as crianças são muito atingidas pelo clima de tensão. Uns são mais sensíveis que outros, uns mais virados para dentro. Mas no fundo todos ficam marcados...

– Com o cacimbo a entrar nas cabeças.

– Sim, todos cacimbados, como se diz.

Himba tinha de os procurar. Levantou, olhou para todos os lados, perscrutando algum perigo, tentou voltar para o sítio do ataque. Deviam ter queimado a camioneta, era o costume, destrói-se o que não dá para levar. O fumo ia orientá-la, quando estivesse mais perto.

Andou, andou. O dia inteiro passou e ela sempre a caminhar no meio do mato, no princípio com esperança e depois já sem pensar em nada, era melhor sentir a cabeça vazia de ideias ou recordações ou sentimentos, só andar naquela direção onde eles deviam estar.

Que era a direção errada.

À noite soube que estava perdida e se deitou no chão, a chorar. O frio do Planalto lhe entrou no corpo e não adiantava muito ficar toda recurvada em posição fetal. Cansada, acabou por adormecer. Para acordar com o uivo de um animal que não soube identificar. Um mabeco, uma hiena? Uivos terríficos, em seguida o barulho da solidão. Houve logo depois outros uivos e ruídos de patas a arrastar no chão, silvos estranhos, talvez de cobras, e pios de corujas. O mato se encheu de rumores, sombras, fulgores, e ela não conseguiu mais adormecer, abraçada ao seu medo. Estava perdida, sem a família, a bater os dentes de frio. E de desespero.

Uma criança no meio do nada.

Ou no inferno.

Foi com alívio que assistiu enfim ao amanhecer, as cores amarelas, rubras e violetas se misturando com as trevas da noite, se afirmando aos poucos, apagando as estrelas. Sentou, os braços rodeando as pernas magras. Era bom ver o dia. O sol despertara a terra, o céu ficava azul e a anhara verde. Outros ruídos se substituíam aos apavorantes da noite. Uns pareciam bichinhos a se coçarem, outros eram claramente dos pássaros a acordarem, outros, roçando o capim, eram antílopes a se esconderem para dormir. E lembrou então, não ouviu urros de leão.

Ainda bem.

Quando os urros do leão chegavam ao município, vindos de muito longe, quilómetros e quilómetros que desconseguiram de os abafar, os homens iam buscar as armas de guerra ou os canhangulos antigos, faziam batidas para caçar o bicho. Não era seguro conviver com um leão perto, sobretudo com as agressivas leoas, as vidas das crianças ficavam em perigo e as suas, as dos seus bois e cabras.

Levantou e esticou os braços. Estava frio, mas o sol em breve faria o seu trabalho. Não havia uma nuvem no céu, bom augúrio. A chuva, tão frequente no Planalto, que ela adorava quando permanecia em

baixo do teto de zinco, gozando a sinfonia das gotas contra o metal, na situação presente seria muito incómoda e, ao fim de algum tempo, um tormento. Sofrera uma vez que foi no rio e caiu um aguaceiro repentino. Correu para casa mas mal via o caminho com as faíscas e a cortina de água. A dado momento, já não sabia onde se encontrava. Ficou parada, como lhe ensinaram, à espera que a tempestade abrandasse. No princípio só sentia o habitual frio e sensação de molha. Não durou muito até as gotas baterem sem piedade no corpo e parecerem que a perfuravam, mil pregos contra a pele. Doía mesmo, uma dor crescentemente forte.

A chuva seria mal vinda e deve ter adivinhado.

Himba olhou para todos os lados, indecisa. Na manhã da véspera, correu com o sol nas costas quando fugia aos tiros. A estrada tinha de estar portanto na direção do sol. Era um bom ponto de referência enquanto ele não subisse muito no firmamento. Caminhou portanto para oriente, a estrela nos olhos.

A sua salvação estava na estrada.

Tinha fome, sede, cansaço, dores por todo o corpo. Mas avançou para oriente. Sempre. Até o sol estar no meio-dia e não lhe servir mais de bússola. Resolveu parar e se resguardar na sombra de uma mangueira. Era a melhor sombra, tão escura que no chão nem o capim nasce. Infelizmente despida de frutos, não era a época. Se deitou encostada ao tronco, descansando e esperando a marcha do sol. Lutava para não adormecer, porque podia então perder muito tempo. Pensou nos pais, nos irmãos, na mangueira. Devia ter havido um kimbo muito tempo atrás para ali estar uma mangueira. Mas só uma? Se fosse um kimbo antigo, mais árvores estariam ali a marcar a história. Só uma? Não, foi algum caçador que comia uma manga quando andava por ali e atirou o caroço que, milagrosamente, caiu numa poçazita onde se acumulava a água da chuva. E assim nasceu a árvore. Tentou imaginar o caçador. Em que época foi? Antes da guerra. Antes de qual guerra?

Houve tantas.

O pai explicou algumas delas, também não conhecia todas. Ia adormecer mas despertou num repente e se pôs de pé, sacudindo a

cabeça. Se fico aqui não resisto, adormeço e acordo só à noite. Sentia muita fome. Ainda olhou para cima, para a folhagem acolhedora. Se adormecesse, depois podia passar a noite num ramo da mangueira, estaria abrigada. Disparate, qualquer cobra chega lá ou uma onça. Tinha de andar.

Saiu da sombra, imaginou pela posição do astro-guia onde seria o leste e continuou a marcha. A meio da tarde, ouviu um barulho de motor. Acelerou o passo, não tinha forças para correr. O barulho foi esmorecendo até desaparecer. Mas andou nessa direção e encontrou a estrada. Seria a sua estrada, a de Luanda? Devia ser. Embora achasse, todas as estradas eram parecidas, terra com poeira e buracos, carcaças de carros destruídos pela guerra. Entrou na estrada e andou para norte.

Era a norte que ficava a grande cidade.

E a família? Como procurar naquela imensidão toda? Talvez tiveram sorte e já estão em Luanda a chorar por mim.

Andou, antes que chegasse a noite. Tropeçava de vez em quando, de fraqueza e cansaço. Mas o pior era a sede. Olhava ocasionalmente para os lados, podia estar a passar perto de um rio e nem dava conta. Não. Tinha a experiência, um rio se dá a conhecer muito antes de a ele se chegar. Sobretudo esses rios do Planalto, que correm em anharas de capim. Quando tudo fica mais verde e os arbustos se transformam em árvores, se ouve ao longe o rumorejar da água. Ia perdida nesses pensamentos quando presentiu um motor atrás de si. Olhou e não viu o carro, mas sim uma coluna de poeira. Parou, no meio da estrada, para ser notada e que travassem. Se fossem dos que atacaram a camioneta? Era um grande risco, mas tinha de o correr, aqueles preferem andar a pé, não arriscam muito nos carros, pelo menos nestes sítios, se tranquilizou.

Ou tentou, pelo menos.

Estava certa. O camião era militar, se via pelo verde da pintura. E parou quando ela não arredou pé do meio da estrada. Dois soldados saltaram da parte de trás e perguntaram, o que fazes aqui? E ela contou o essencial, ia para Luanda com os meus pais mas houve um ataque e eu fugi e depois me perdi. Içaram-na para

o carro, deram água, abriram uma lata de ração de combate e forneceram a comida, mais água. Ela devorava tudo sem hesitar, enquanto os observava. Havia uns dez soldados apertando com força as armas. Nas caras se notava a tensão de andarem na picada, sujeitos a pisarem uma mina anticarro e irem pelos ares. Himba já sabia desses mambos de tanto ouvir falar no município, o grande inimigo dos carros era o mais oculto, sepultado com terra como um morto mas sempre atento, pronto a atacar. Apesar de estarem sérios e olharem para ela sem um sorriso, os soldados pareciam bons, pelo menos para ela foram.

Pararam enfim num quartel estabelecido em antiga fazenda, perto da estrada principal. Saíram todos do camião, Himba com eles. Depois o graduado entrou num gabinete do comando, enquanto o resto do grupo aguardava, descontraidamente, uns sentados, outros encostados à parede. Começava a arrefecer. Havia soldados a jogar futebol no centro do quartel, enquanto outros andavam a fumar e a conversar, dois a experimentarem os sons de uma viola de tinta desbotada. A menina olhava para tudo, curiosa, pois nunca tinha entrado num quartel. E aquele parecia grande, mas ela não podia comparar, era de certeza o maior que vira, o único. O graduado saiu do gabinete e com ele veio um mais velho e a caminhar para gordo. Devia ser o chefe. Pediu a Himba para explicar o que acontecera na véspera. Ela repetiu.

– Sei desse ataque – disse o oficial. – Não foi perto daqui. Houve algumas vítimas.

– Os meus pais... os meus irmãos? Crianças pequenas...

O oficial abanou a cabeça.

– Não sabemos detalhes. Ali não é a nossa zona e este camião veio de outro sítio. Até acho que nem foi na estrada onde te encontraram, foi noutra. Sei que houve vítimas, mas não sei quem, nem quantos. Nada mais. Tenho pena, lamento mesmo. O sargento disse que iam para Luanda. Queres ir para Luanda?

Himba hesitou. Se os pais estavam à espera dela na capital, para lá devia ir. Mas, se andassem também pelo mato, não podiam aparecer no quartel? Questão sem resposta possível.

– Se queres ir para Luanda, podes dormir hoje aqui e amanhã tens boleia num camião que sai às seis da manhã. A estrada daqui até Luanda está segura neste momento... Enfim, parece... Se não quiseses ir, diz e tentamos pôr-te no sítio que escolheres. Pode demorar, mas é possível.

Para a terra dela não podia voltar. Se tinham fugido de lá, alguma razão havia. Não conhecia outra. Tinha opção?

– Vou para Luanda.

– Muito bem. O sargento vai tratar de ti e arranjar banho, comida e lugar tranquilo para dormir.

O que aconteceu. Deitada num catre confortável, depois do banho e muita comida, Himba descontraíu. Só teve pena de não ter roupa limpa para mudar no dia seguinte.

Adormeceu, finalmente.

Acordou com barulhos de gente a gritar e a correr. O coração ficou assim, pequenino. Depois lembrou, estou no quartel e vou para Luanda. Acalmou. Veio a dor de nada saber da família. Era um vazio constante que só se esvaneceu enquanto dormiu. Mas já não chorava, jurou baixinho, nunca mais ia chorar. Tinha dormido com a roupa, a qual estava cada vez mais amarrotada e suja, mas não se importou, em Luanda limpava.

Encontrou cá fora uma torneira onde lavou a boca e a cara, bebeu água. O dia nascia.

O sargento apareceu com uma caneca de café e pão com ovo. Lhe deu também um pequeno embrulho, come durante a viagem, ainda é longe. Lhe deu também um pau de uns dez centímetros, escuro por fora, amarelo por dentro, um pau de limpar dentes, para os teres sempre branquinhos. Ela agradeceu e teve vontade de deixar cair uma lágrima pela bondade, mas resistiu, tinha jurado. O sargento sorriu para ela e apontou o camião.

– Vais à frente, é mais cómodo.

E ela entrou no veículo, cumprimentou o cabo Trindade, cuidado, não fales muito com ele, pois se distrai e ainda provoca acidente, mas o cabo riu, meu sargento, não meta medo na miúda, sou um grande condutor. Entrou também uma senhora mais velha,

Dona Clara, assim se apresentou, de cara amarrada. Himba portanto ficou no meio, ao lado do manípulo das mudanças, objeto que a fascinava. Alguns soldados fardados e com armas subiram para a carroçaria tapada pelo toldo. Em seguida, mais alguns homens jovens à civil, deviam ser soldados em visita à família, imaginou ela.

– Se os meus pais aparecerem, diz que fui para Luanda? – Pediu ao sargento. – O meu nome é Himba.

O militar prometeu, ia mesmo escrever um aviso no quadro de informações. O camião partiu e a menina fez adeus grato ao sargento e ao quartel e ao passado, sem querer pensar realmente nisso, ia só procurar os pais e irmãos lá à frente.

Nem fazia ideia do que ia encontrar.

O motorista afinal não era nada tagarela, pois só tentou duas vezes provocar conversa, mas ela respondeu brevemente, pouco tinha para dizer, e Dona Clara nem suspirou, a cabeça encostada à porta, os olhos fechados. De vez em quando os lábios mexiam, Himba reparou. Devia estar a rezar. Ou mesmo a dormir. A velha não disse uma palavra desde que entraram no camião. E parecia não notava as sacudidelas, a cabeça sempre encostada à porta. Um pouco estranha, pensou a menina. A um dado momento, já andavam há muitas horas na viagem, olhou para a senhora de forma mais demorada, tentando perceber se dormia mesmo e depois, ao virar a cabeça, reparou no sorriso zombeteiro do cabo Trindade. Ele piscou o olho, apontando com a cabeça para Dona Clara. Estava a gozar, claro. Himba mudou o olhar para a estrada, não queria conversa de falta de respeito pelos mais velhos, coisa que o motorista parecia se preparar para iniciar.

Cerca do meio-dia, o cabo encostou o camião numa berma com sombra e anunciou:

– A partir daqui é asfalto e vamos melhor. Já faltam poucas horas. Paramos para fazer necessidades. E quem quiser comer que aproveite.

Se Dona Clara estava a dormir, então acordou muito rápido, porque logo abriu a porta e saiu. Himba aproveitou e saiu também, levando o embrulho que o sargento lhe tinha dado. Os soldados se espalharam alegremente pelo sítio, cada um atrás de uma árvore ou

arbusto. Dona Clara imitou-os. Himba ficou hesitante, era melhor esperar que voltassem, pois todos os sítios bons para mijar à vontade já deviam estar ocupados. Aproveitou para abrir o embrulho e ver uma maçã, um pão com ovo igual ao que tinha comido e uma banana. Até uma garrafinha de água. Um bom almoço. Obrigada, sargento, de quem não sei o nome, tenho de perguntar ao motorista, porque ele merece que reze para que se salve da guerra, boa pessoa. E ficou surpreendida porque a sandula lhe desapareceu da mão, direta para o estômago. O mesmo aconteceu com a banana. Os outros já tinham regressado e ela bebeu a água toda e foi se agachar atrás dumas vissapas, se aliviando, a maçã na mão.

Retomaram caminho. Aparentemente, só ela comeu na paragem. Os soldados lá atrás podiam ter pancado antes, não dava para saber, mas o cabo nem provou uma bolacha. Ela perguntou, mostrando a maçã:

– Quer?

– Não, obrigado. Guarda para ti. Eu tenho um almoço prometido pela minha mulher que já deve estar à espera. Vai ser almoço à hora do lanche, não importa...

– É verdade, cabo Trindade... Como se chama o sargento que estava lá no quartel. E no camião que me encontrou?

– O sargento Dúvidas. É esse, o que te trouxe para este camião.

– Dúvidas?

– E é mesmo muito duvidoso.

Riram os dois, pois se tratava de uma brincadeira da moda. Dona Clara não percebeu ou fingiu. Ficou calada. Mas estendia a mão para a maçã, como a dizer, se não queres comer eu posso aceitar. Himba ficou muito admirada e deixou que a velha lhe tirasse a fruta da mão. Ela tinha oferecido ao motorista que estava a cumprir a tarefa toda, era apenas uma delicadeza. Mas que fazer? Não estava educada para chocar contra a vontade de um mais-velho. O cabo Trindade percebeu, mexeu a cabeça e cantarolou numa voz disfarçada de mulher, olhando firmemente para a frente: oportunismos, oportunismos, oh, oh, os oportunismos desta terra são mais fortes que a guerra. Himba percebeu a piada em rima mas não se permitiu mostrar.

A velha talvez tenha percebido, porém deu uma grande mordida na maçã, a primeira de quatro dentadas.

Os velhos podem ser oportunistas?

Horas passadas em silêncio, já se percebia que entravam em Luanda e Himba esqueceu a velha, a maçã, o ataque, admirada a olhar para o que era novo para ela, um mundo de cimento e gente, carros e grande barulheira. Durante um tempão.

Sensação de hostilidade.

Depois de muitas ruas e buzinadelas, o camião estacionou à porta de um quartel.

– Vou meter o carro lá dentro, é obrigatório – disse o motorista.  
– Os civis têm de sair, não podem entrar no quartel. Cada um à sua vida. Gostei muito da companhia.

Dona Clara saiu e Himba seguiu-a, mas antes agradeceu ao motorista a simpatia. Viu os civis saltarem lá de cima e cada um partir para o seu destino. Os soldados permaneceram no veículo que entrou pelo portão. Dona Clara nem despediu, nem agradeceu a maçã, se desenfiou nos seus passinhos de velha por uma rua.

Himba ficou sozinha. E agora? Os pais é que sabiam onde morava o tio dela.

Perdida na grande cidade.

Olhou para todos os lados, ponderou esperar pelo cabo Trindade, era simpático, talvez lhe ajudasse com alguma orientação. Mas teve a mesma visão de quando estava sozinha no mato, depois do ataque. Uma voz lhe dizia, fecha os olhos e salta. Era a voz do pai, quando ela tinha medo de fazer uma coisa e ele a incentivava assim, é o que se deve fazer quando o risco é real mas a ação necessária.

Ia avançar, à procura da família, Deus ajudaria.

---

2012

Sofia Moreira levantou a voz, irritada com o jovem parecendo molengão, estás a demorar demais, tenho trabalho.

Ela era normalmente paciente, uma das suas qualidades. Tivera de esperar muito por uma oportunidade, mais que o cão pelo dono. O tempo passou e passou, nada de relevante acontecia nos últimos anos, depois de uma infância demasiado agitada e uma adolescência mais calma. Estudou um curso médio, experimentou alguns empregos, onde aprendia sempre um pouco, mas não se entusiasmava, arranjava o primeiro pretexto para o abandonar. Nada sucedia de interessante, nem no trabalho nem na vida, mas não se incomodava muito com o tédio, as mudanças por vezes tinham sido perigosas demais, ao menos agora havia sossego. E ela aguardava, sem grandes sonhos, mantendo no entanto uma ponta de esperança, algo há de mudar para melhor.

De repente aconteceu, uma espécie de aposta arriscada, porque não tento fazer aquilo de que gosto afinal? Os conhecimentos adquiridos até podem ajudar, mesmo se de forma indireta. Acertou na aposta, mudando de ramo. Hoje, beirando os trinta anos, tudo se afigurava diferente. A inauguração de um apartamento novo poderia parecer pouca coisa. Era, porém, a primeira vez na vida. Embora o apartamento de facto não lhe pertencesse, apenas alugado numa urbanização acabada de construir. E constituído por dois quartos, sala modesta, casa de banho, cozinha e arrumo pequeno, um T2. Podia lhe chamar de seu, mesmo se havia outro dono, o verdadeiro, empresa de alguém invisível. Era a primeira pessoa a usá-lo, tinha por isso muito significado, os outros kubikos sempre foram velhos, gastos, miseráveis, passando de mão em mão, cada vez mais velhos e sujos.

Fosse o rapaz mais expedito.

O jovem demorava a montagem do aparelho de ar condicionado no quarto que viria a ser de Diego. Era surpresa e ela queria o quarto pronto antes que o irmão chegasse. Só faltava o ar condicionado, um luxo. Tinha comprado tapetes, a cama estava feita e até ostentava uma colcha azul por cima, a cor preferida de Diego. Mesa grande para as pinturas. E muita parede para ele pendurar os seus quadros, se para aí estivesse virado. Sofia tinha reservado o maior compartimento para ele, trabalharia lá, o desejo de uma vida. Tinha outro

tesouro, o que se via pela janela. O mar da península do Mussulo, do qual se vislumbrava uma parte. Não havia janela para tanto Mussulo, afinal eram quarenta quilómetros de areia e coqueiros, ilhas no meio, mar de baía do lado mais próximo, mar batido, o oceano, do lado de lá. Só dava para descortinar a mais pequena das ilhas, a chamada Ilha dos Pássaros por alguns. A da Cazanga, a maior, por outros designada Ilha dos Padres, pois ali tinha existido um convento, ficava mais a sul, não aparecia para lá da janela. Mesmo se inclinando para fora da janela não a poderia avistar. Tinha tentado na última vez, mas sem grande insistência, lhe tomava o medo das alturas. Estava no segundo andar e sempre habitou ximbecos tereos. Ela ainda não tinha assistido, talvez amanhã fosse possível, pois todos diziam era um espetáculo soberbo apreciar o pôr do sol no mar do Mussulo. O artista que havia em Diego ia se regalar. Até ao dia em que resolvessem construir um prédio à frente da janela dele, também era muito frequente naquela Luanda onde só o dinheiro era dono e senhor.

No outro quarto, o seu, um pouco mais pequeno, havia de colocar uma pintura de Diego, mas esperaria o tempo necessário até ele decidir qual lhe oferecia. O irmão era muito meticoloso no trabalho e mais ainda nas raras prendas que escolhia. Particularmente para ela. Sofia na véspera tinha dito, vou pôr um dos quadros que me ofereceste no meu quarto e outro na sala. E ele dissera, na sala podes pôr um qualquer, para o teu quarto arranjo um novo. Devia ser ao contrário, na sua maneira de pensar, a sala é que mereceria o último, feito especialmente. Mas Diego lá sabia dos seus kalundús e a pintura dele estava muito misturada com sonhos, cultos, magias...

Não era a arte uma magia?

Depois de quase desfazer o aparelho e o remontar, porque uma peça aparentava afinal estar mal colocada, o rapaz carregou no botão do comando e o dispositivo de ar condicionado começou a ronronar, muito suave. O trabalhador olhou para Sofia com ar satisfeito e meio desafiador, julgavas que nunca mais ficava pronto e deste um grito a apressar? Mas não disse nada, pois sabia, ela tinha sempre resposta para todos os desafios, e muitas vezesafiada. Além do

mais, o restaurante era um ótimo cliente, sempre com avarias num ou outro lado, todas as semanas o chamavam para algum conserto. A senhora jovem era uma freguesa daquelas que se deve conservar com paciência e alguma diplomacia.

Até sabia ser simpática.

– Tudo pronto, merecemos uma cerveja – disse Sofia, lhe dando um toque no ombro.

Foram para a cozinha, onde sentaram à mesa, enquanto ela tirava duas garrafas da geleira, comprada há dois dias. As mobílias tinham sido adquiridas uma semana antes e os aparelhos eram na totalidade novos. Ia deixar o antigo kubiko com a mobília velha lá dentro, o dono achara bom negócio. Vida nova, casa nova, tudo novo. Cabeça nova? Isso já era mais difícil. Passou uma garrafa para o rapaz e bebeu da sua. Cerveja gelada numa casa nova.

Um luxo.

Dissera o mesmo na véspera, quando com Diego tomara umas birras. Beberam a festejar, arrumaram o que puderam, mas ainda foram dormir no antigo ximbeco. Só hoje se mudariam oficialmente, com tudo pronto. Terminaram a cerveja, ela pagou o trabalho e deixou o moço seguir para outras tarefas. Sofia tinha de ir para o restaurante, já estava atrasada. Mas havia uma boa razão e todos compreenderiam. Aliás, só uma pessoa interessava nesse mambo, a patroa, Dona Ester. Estava prevenida, Sofia avisara e ela disse, demora o que for preciso, cá nos arranjaremos até chegares. Dona Ester abençoava o dia em que Sofia parou lá na primeira vez.

Como um raio de sol entre nuvens de tempestade.

O restaurante ficava perto, por isso tinha escolhido aquela urbanização, um dos resultados da explosão imobiliária em Luanda. Se viam guas gigantescas e a cidade velha, como chamavam alguns ao centro tradicional e seus musseques, se ia envaidecendo de prédios de trinta andares, alguns espelhados em várias cores. Ao mesmo tempo, para os três pontos cardeais, norte, este e sul, se multiplicavam condomínios para ricos e urbanizações para a classe média, enquanto muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de casas económicas, melhores que as suas

anteriores, mas demasiado longe do centro, onde permanecia o trabalho e a clientela. Mesmo para oeste se construía, com aterros na orla marítima, um ponto muito controverso no crescimento da cidade. Demorou dez minutos até ao serviço, uma raridade naquela metrópole imensa de seis milhões de habitantes. Luanda era de facto bué grande.

Os amantes da vida noturna também diziam, bué faine.

Dona Ester olhou o relógio, estavas a fazer falta.

– O Ananias não dava com o bilo a montar o último aparelho de ar condicionado. Espero que não pare a meio da noite, é chato.

– Tenho de ir ver o que se passa com o Ezequiel – disse Dona Ester. – Telefonou muito assustado, quer falar comigo. Estava à espera que chegasses para poder ir a casa. Deve ser grave...

Não devia ser nada grave, pensou Sofia, mas calou.

Ezequiel era o filho desgovernado da dona do restaurante, o único que conhecia. Com trinta anos, mais ou menos a idade de Sofia, não era autossuficiente. Desconseguiu na escola, pouco aprendeu, a escrever o nome apenas, mas com o tempo até isso parecia ter esquecido. Desconseguiu em qualquer emprego. No restaurante nem durou uma semana, chorava com medo do fogo e da barafunda na cozinha, só atrapalhava. Nunca ousaram pô-lo a servir uma mesa, ainda derramava a sopa sobre o cliente. Os médicos disseram, ele tem um trauma qualquer, não deve ter sido de nascença nem é nada genético, o cérebro ficou afetado. Mas Dona Ester há muito deixara de acreditar na capacidade dos médicos em entenderem o filho ou seus mecanismos secretos. Acreditava muito mais no pastor da igreja dela, que dizia, são demónios, só com muitas rezas e cultos aqui na igreja pode melhorar, se deus quiser. E lhe cobravam díizimos pesados, mas o filho não melhorava, os demónios chatos não desandavam. Na igreja ficava calmo, olhando com curiosidade para tudo, enquanto cantassem os hinos e o pastor pregasse com frases bonitas. Mas quando começavam os xinguilamentos e os uivos e gritos de hossana, fugia do templo de colunas douradas. A mãe ia encontrá-lo na cama, já acabaram de chorar pelos mortos? Ela tentava explicar que eram os espíritos a entrar na alma das pessoas,